



Quarto de despejo: revisitando a crítica de Carlos Vogt

Quarto despejo: revisitando has crítica Carlos Vogt

Nathalia Bezerra da Silva Ferreira

Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. E-mail: nathalia.bzr@gmail.com

Verônica Maria de Araújo Pontes

Doutora em Educação pela Universidade do Minho- Portugal. Professora Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. E-mail: veronicapontes@uern.br

Resumo:

Carolina Maria de Jesus está reconquistando seu lugar dentro do cenário literário brasileiro. A autora que viveu a fama e o esquecimento de forma repentina com a publicação de *Quarto de despejo* em 1960, encontra, hoje, principalmente com o advento do resgate e valorização da literatura marginal, um espaço dentro dos estudos literários. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo realizar uma leitura da obra a partir da crítica de Carlos Vogt no ensaio intitulado *Trabalho, pobreza e trabalho intelectual* no livro *Os pobres na literatura brasileira*, organizado por Robert Schwarz. Na crítica de Vogt somos levados à uma análise a respeito da representação da pobreza na obra de Carolina de Jesus. Na verdade, mais do que representar a pobreza, a autora a vivencia diariamente e a retrata em seu diário. Além da pobreza, outro aspecto importante da crítica aqui analisada, diz respeito à questão estética na obra.

Palavras-chave: Carolina de Jesus. Pobreza. Crítica.

Abstract:

Carolina Maria de Jesus is conquering her place in the Brazilian literary scene. The author, who lived fame and oblivion abruptly with the publication of *Quarto de despejo* 1960, finds today, especially with the advent of the rescue and recovery of marginal literature, a space within literary studies. Thus, this paper aims to do a reading of t Carlos Vogt work's in critical essay entitled *Trabalho, pobreza e trabalho intellectual* presented in the book *Os pobres na literatura brasileira*, edited by Robert Schwarz. Vogt's critics focus into an analysis on poverty representation in the work of Carolina Maria de Jesus. In fact, more than representing poverty, the author experiences it daily and portrayed in her diary. Besides poverty, another important aspect of Vogt's critics concerns about the esthetics in the book.

Keywords: Carolina de Jesus. Poverty. Critic.

Considerações iniciais

Quando nos propomos a analisar a pobreza em *Quarto de Despejo* (2001), de Carolina Maria de Jesus, devemos, inicialmente, voltar nossas atenções para a chamada literatura marginal.¹ Esse termo é utilizado para se referir a uma literatura que não está no centro, que não está no cânone literário de determinado sistema, seja ele mais restrito ou mesmo de caráter universal.

No que diz respeito à literatura brasileira, Carolina de Jesus está a margem por diversos motivos, dentre eles, podemos destacar o fato de ser pobre e negra, mas principalmente, por trazer para o cenário literário um tipo de texto que não estava em voga. *Quarto de despejo* (2001) rompe com o estilo de escrita da época em que foi lançado. Não se trata de mais um romance, novela, coletânea de contos, que eram as formas mais “comuns” na época. Trata-se, na verdade, de um diário em que a fome e a pobreza são tão participantes quanto o desejo da autora de se fazer conhecida.

A escritora traz à tona um texto de caráter autobiográfico em forma de diário. Ela assim, não é alguém que fala pelos pobres e desvalidos de um lugar distante, na verdade não há esse deslocamento. O que há, de fato, é uma pessoa que está a margem falando de si, falando de sua dura realidade.

Essa mistura, variante textual e autobiográfico, adicionados de outros fatores, como veremos a frente, será de dupla motivação: a inicial que a fará amplamente conhecida, best-seller e a que fará com que seja esquecida por um bom tempo.

Literatura e pobreza: um reencontro com a crítica

Em 1983 o crítico literário Roberto Schwarz organiza o livro *Os pobres na literatura brasileira*. Essa obra conta com a participação de sessenta escritores que juntos, buscam traçar um panorama da representação do pobre na literatura brasileira. Essa análise parte desde os tempos de literatura colonial até os mais contemporâneos da publicação.

Schwarz na apresentação da obra justifica a escolha temática através da compreensão de que o poeta é conhecedor de muitas coisas, inclusive da pobreza. Seu objetivo assim é o de um levantamento que proporcione uma visão da pobreza em meio as letras brasileiras. Roberto Schwarz, que é sociólogo, não volta o valor da obra apenas para uma questão social, mais do que isso, ele aponta para um caminho conjunto. Para ele, a crise literária e de classe são irmãs. Nesse contexto, a literatura ao se posicionar sobre tais mazelas, realiza não só um projeto social, mas também um estético.

Nessa coletânea de ensaios, *O quarto de despejo* (2001), de Carolina Maria de Jesus, recebe a atenção do linguista, poeta e professor da Unicamp, Carlos Vogt, com o ensaio intitulado

¹ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2001.

Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. Na primeira e segunda parte, o autor faz uma apresentação de Carolina de Jesus. Somos apresentados à condição de pobreza da escritora que será repetidamente mencionado no livro.

Essa obra é a primeira publicação de Jesus. É um livro sobre a pobreza, que possibilitará a saída dela. Carolina consegue sua ascensão social, embora temporária, conseguindo a tão sonhada casa de alvenaria graças a renda que obtém com a publicação. Essa publicação, foi na época, um estouro de venda. Só na primeira semana de lançamento, as dez mil primeiras cópias foram esgotadas. Ela consegue, assim, um sucesso avassalador. Virando assunto nacional, participando de eventos, encontrando-se com personalidades da época.

Em seguida, na terceira parte, Vogt inicia a análise a que se propõe: analisar a pobreza representada, que é objetivo maior do livro em que está inserido. Nesse caso, é preciso que tenhamos em mente que, mais que representada, o livro é a pobreza vivida, sentida. A narrativa autobiográfica nos dá essa dimensão:

No livro de Carolina, porque a pobreza é um estado real e concreto de carência, algo que os protagonistas do drama da miséria vivem como condição social e não como projeto de vida exemplar, a alegria é também muito mais palpável e toca diretamente os sentidos.²

O crítico Carlos Vogt percebe que, nas circunstâncias do livro, a pobreza não é uma representação distante. É a realidade, é concreta e quase que imutável. Como podemos perceber, no ensaio, é evidenciado o caráter autobiográfico que faz com que sejamos invadidos por esse mundo dos desvalidos em que, pelo que parece, não há muito o que ser feito. A miséria é real, palpável e, assim como a autora, não vemos muitas possibilidades de mudança efetiva.

A impressão dada, através da repetição das ações e, percebida pelo crítico, é a de que cada dia é igual ao outro. A rotina de Carolina nos dá essa ideia. Levantar, buscar água, sair em busca de algo que possa vender para poder comprar comida, realizar tarefas domésticas, escrever, descansar o corpo. Nessa repetição passam-se os dias e nada muda. É como se o mal social apresentado pela autora fosse imutável, possuindo apenas pequenas variações da quantidade de comida que se possui, uns dias mais, outros menos, outros ainda, nada.

Vogt continua sua análise, agora por um caminho que busca dar algumas noções sobre a questão estética de *Quarto de despejo* (2001). Dessa forma, antes de irmos para a crítica por ele tecida é importante ressaltar que quando mencionamos o nome de Carolina Maria de Jesus, a questão estética da obra é pouco mencionada. A maioria dos estudos realizados, voltam-se para a questão da denúncia social como o fato de ser uma mulher, negra, favelada que, de certa forma, sai da sua individualidade e consegue dar voz não somente a sua pobreza, mas também a de toda a favela do Canindé, de todas as favelas no Brasil, que naquele momento estavam aumentando com muita intensidade.

² VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 208.

Assim como outras análises, a de Carlos Vogt não possui uma preocupação forte com a estética. Na verdade, ela ressalta a forma da obra realista da obra, associando-a ao verismo³:

Quarto de Despejo é uma obra de gosto realista, na qual o verismo é a nota dominante da "ideologia estética" do autor. Contudo, o seu realismo estaria melhor caracterizado se, ao invés de literário, o víssemos dentro daquela espécie de realismo etnográfico desenvolvido pelo antropólogo Oscar Lewis nos anos quarenta e cinquenta nos seus trabalhos sobre a cultura da pobreza (...).⁴

Como podemos observar, o crítico acredita que a obra encontrará um terreno mais fértil não dentro do campo literário, mas sim dentro dos estudos do realismo etnográfico. Ou seja, Vogt desloca a obra do literário para o campo das ciências sociais, no caso, o da antropologia. Dessa forma, a obra perde suas raízes literárias e passa para o do testemunho.

Embora, sobre uma produção bem distante da produção de Carolina de Jesus, Dalcastagnè (2009) desenvolveu uma pesquisa em que busca um mapeamento de todas as publicações das maiores editoras brasileiras.⁵ Esse mapeamento inicia na década de 1990, tendo sido concluído recentemente no ano de 2015. Assim, a pesquisadora afirma que:

Entender um livro como testemunho significa dizer que a trajetória de vida do autor é percebida como tão ou mais importante do que a sua obra, e reservar a apreciação "estética", que é marca da valorização social, à escrita dos autores de elite. Ou seja, a classe média descrevendo a classe média é literatura; pobre falando de pobres é testemunho; pobre escrevendo sobre a classe média, ou a elite, já seria um "despropósito".⁶

Mesmo falando de um tempo distante, uma vez que a publicação de *Quarto de despejo* é de 1960, Dalcastagnè (2009) aponta para um fato muito importante: a tentativa de classificar o escritor pobre como produtor não de literatura, mas sim de um testemunho. O diário de Carolina é uma das primeiras produções na literatura brasileira em que um favelado, um marginalizado pode expressar sua visão de mundo. É um discurso interno.

O que Carlos Vogt realiza nessa análise é, no mínimo, ambíguo. De um lado temos a valorização pela escolha da autora para realizar a proposta de Roberto Schwarz. Porém, por outro lado, ao propor um realinhamento da obra às ciências sociais, faz uma espécie de "rebaixamento" da obra, retirando-a do espaço literário e a alocando no antropológico. O crítico parece, inicialmente, preocupar-se mais com o projeto social do que o estético.

Nesse contexto, há o diálogo com a fala de Dalcastagnè (2009). Maria Carolina de Jesus, sendo pobre e realizando um trabalho literário, não possui voz ativa o suficiente para se firmar no campo das letras. Nesse contexto, ao falar de si (pobre) e dos que estão ao seu redor (pobres),

³ Corrente literária surgida na Itália que se preocupava com a relação entre a realidade e a literatura, nesse contexto, há uma necessidade muito direta de uma representação o mais próximo possível do real, incluindo então, o feio e o vulgar.

⁴ VOGT, 1983, p. 209.

⁵ DALCASTAGNÈ, Regina. *Encruzilhadas da narrativa brasileira contemporânea*. In: GOMES, Carlos Magnos. *Língua e Literatura: propostas de ensino*. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

⁶ DALCASTAGNÈ, 2009, p. 54.

Carolina de Jesus é direcionada para o campo do testemunho, pois literatura é feita por uma elite, em sua maioria, branca e longe das favelas.

Embora haja essa diferença temporal, percebemos que o preconceito sofrido na data de publicação, uma vez que a obra foi aclamada pela mídia e rejeitada pela crítica literária da época, que inclusive questiona a autoria do diário, atribuindo-a ao Jornalista que a descobriu, Audálio Dantas, continua na ocasião do ensaio sobre os pobres na literatura brasileira e, continua ainda se perpetuando até hoje, não só para a autora em questão, mas para todos os que estão na periferia, pois, quem fala das margens, na atualidade, ainda tem dificuldades de ser ouvido. Sua voz soa, graças as inúmeras possibilidades de publicação com preços cada vez mais acessíveis, mas não é percebida por seu valor estético.

Na sequência, Vogt timidamente reposiciona a obra de Carolina de Jesus no campo literário. Essa readequação da crítica se dá por conta da repetição da rotina que dá ares realistas ao texto da autora. O crítico alega que, nessa repetição da luta diária, a autora e personagem é compreendida com um ar de titanismo, ou seja, a autora está numa luta constante desafiando os limites que as constroem. Esse argumento, não convence muito, pois, a repetição presente no diário não pode ser vista como uma escolha estética, é, na verdade, resultado da pobreza que a obriga viver nessa sequência de repetições. Os limites que a autora tenta superar são os da extrema pobreza e fome constante.

Carolina Maria de Jesus, além da obra aqui analisada, também escreveu outros livros. Mesmo antes da publicação de trechos do diário, buscava formas para publicar seus escritos, chega até a mandar alguns deles para a Seleções do Reader's Digest nos Estados Unidos. Porém, a resposta é sempre negativa. A autora tenta meios variados que a possam livrar de sua pobreza. Ela escreve, entre outras coisas, por acreditar que sua escrita pode tirá-la desse lugar de miséria para um mais confortável. Nessas tentativas de publicação, tudo o que deseja para ceder suas obras é uma casa. Tudo que deseja é sair do “quarto de despejo”.⁷

Essa expressão, que é a que dará a Carolina o título para seu diário, sintetiza muito bem o sentimento que ela sente em relação a favela. Para ela, a favela é o local em que se depositam o que não serve mais. Como podemos observar no seguinte trecho do diário: “... Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”.⁸ Repetidamente, somos direcionados a passagens que vão sempre reforçando o sentimento de Carolina de que a favela é o lixo da cidade:

(...) as oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando eu estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.⁹

⁷ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2001.

⁸ JESUS, 2001, p. 28.

⁹ JESUS, 2001, p. 33.

Carolina de Jesus, no trecho acima, compreende que não só objetos velhos e comidas vencidas são jogados na favela. Ela funciona como um quarto de despejo, ou seja, um quarto em que se deposita tudo o que não tem mais utilidade. Carolina possui a sensibilidade de perceber que não são somente os objetos que não servem mais, as pessoas da favela estão nessa mesma condição de abandono. Os moradores parecem que não têm mais serventia para o mundo, estão excluídos, marginalizados, uma vez que não se encaixam no padrão da sala de visitas. Assim, como evidencia Vogt, a obra é baseada em oposições. Para o espaço em que vive, a autora precisa primeiro descrever a cidade, para então, como que em total oposição apresentar sua visão da favela.

Essa visão que possui a coloca em uma situação diferente que é ocasionada pela escrita do livro. O diário é utilizado como instrumento de denúncia, mas é também uma forma de se distanciar da condição de favelada. Como muitas vezes descreve, a vida dela na favela é de certa forma isolada, ela está na mesma condição que os demais favelados, mas a escrita a põe em outra posição:

Mas também é verdade que o documento que nos oferece sobre a pobreza da favela tem um expediente intrínseco de distanciamento que produz no livro uma espécie de duplo complementar e antagônico da realidade que ele retrata. De um lado, a autora pertence ao mundo que narra e cujo conteúdo de fome e privação compartilha com o meio social em que vive. Do outro, ao transformar a experiência real da miséria na experiência linguística do diário, acaba por se distinguir de si mesma e por apresentar a escrita como uma forma de experimentação social nova; capaz de acenar-lhe com a esperança de romper o cerco da economia de sobrevivência que tranca a sua vida ao dia-a-dia do dinheiro-coisa.¹⁰

No decorrer da leitura, percebemos que Carolina de Jesus usa seu livro como forma de manter-se distante dos acontecimentos da favela e, mesmo assim, quando é de certa forma envolvida aparece sempre para tentar solucionar tais problemas, atuando ainda como uma ponte entre a cidade e a favela. Embora more na favela, é na cidade que passa a maior parte de seu tempo recolhendo papel para garantir o sustento da família. De tanto transitar entre esses dois espaços tão diferentes, Carlos Vogt em sua leitura afirma que ela atua como o “elo de ligação” entre eles.

Na quarta e última parte do ensaio, temos a leitura que o crítico faz a respeito da malandragem apresentada pelo diário. A autora está sempre descrevendo seu trabalho, seja ele físico ou intelectual. Quando não está realizando um trabalho está no outro, raras vezes são descritos momentos de descanso e lazer. Quando há uma interrupção desse trabalho exaustivo, normalmente é ocasionado por alguma doença. Carolina, preza por manter-se sóbria e ativa:

(...) Hontem eu bebi uma cerveja. Hoje estou com vontade de beber outra vez. Mas não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o essencial. Os que reprovo nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga e dá as crianças para beber. E diz:
- Ele tem lumbriga.
Os meus filhos reprova o álcool. O meu filho João José diz:
- Mamãe, quando eu crescer, eu não vou beber. O homem que bebe não compra roupas. Não tem radio, não faz casa de tijolo.¹¹

¹⁰ VOGT, 1983, p. 210.

¹¹ VOGT, 1983.

Nesse trecho fica em evidencia o quanto ela deseja trabalhar para manter sua casa. Enquanto os demais moradores da Favela do Canindé são descritos em inúmeras situações em que a cachaça se faz presente, a autora do diário mostra-se em outro lugar. O lugar de estranhamento, o lugar de recusa ao vício. Esse sentimento de repulsa ao álcool e ao que ele representa é vivido não só por ela, mas ela consegue demonstrar que até seus filhos, que são pequenos, já conseguem visualizar os malefícios que a cachaça tem para os habitantes do local.

O que ela faz, todos os dias é rejeitar a malandragem por meio do seu esforço físico e intelectual: “Ao malandro, Carolina contrapõe o trabalhador, o operário e a inocência das crianças. De algum modo intui que para quebrar o círculo de reprodução da miséria é preciso mais do que simpatia”.¹² Carolina de Jesus demonstra a consciência de que o trabalho é o único meio para sobreviver e buscar uma saída para as situações de extrema pobreza. Ela deposita sua confiança no trabalho físico e intelectual, pois acredita que sua escrita em algum momento será recompensada e a tirará da miséria em que vive.

O que faz em sua vida é permanecer nessa confiança até que um dia seu esforço é valorizado, reconhecido e faz com ela tenha a tão sonhada ascensão:

(...) ao menos no plano individual, Carolina pareceu encontrar a solução para os seus problemas. O trabalho intelectual produzia, enfim, o efeito de distinção dos méritos pessoais da favelada, transformando-a, numa semana, na autora de um dos maiores *best-sellers* do Brasil.¹³

Vogt chama a atenção para o fato de que o que Carolina de Jesus consegue é algo no plano individual. O seu trabalho é no final recompensado. Ela consegue com a publicação do livro uma melhoria em sua vida. Entretanto, o sucesso repentino e avassalador não é duradouro. Entretanto, ela insiste na confiança em seu trabalho intelectual, publicando outras obras que não vendem numa tentativa de manter-se distinta: “Carolina vive, então, como muitos outros pobres e negros no Brasil- Lima Barreto talvez seja o caso mais trágico de nossa literatura- a esperança de resgatar, pelo prestígio intelectual, o prestígio social que nunca tivera”.¹⁴ Ela busca permanecer no cenário literário brasileiro, mas não obtém sucesso, acaba terminando sua vida em um sítio que comprou com o dinheiro ganho com *Quarto de despejo* (2001) vivendo do seu trabalho com a terra.

É importante ressaltar que a crítica de Vogt termina ainda no esquecimento. Esse trabalho feito em 1983 ainda é em um período em que Carolina Maria de Jesus e sua obra estão esquecidas. A obra, que surge com a mídia brasileira, acaba por adquirir esse caráter de velocidade da mídia, como se tivesse um prazo de validade. O sucesso não dura muito. Pouco tempo após a publicação, a mídia que a projeta é a mesma que a esquece. No desaparecimento da obra, some também a autora:

Simultânea ao silenciamento de sua obra, também a figura esquia e desempenada de Carolina, melancolicamente, vai deixando as luzes da ribalta: volta esporadicamente a catar papel pelas ruas de São Paulo e morre em 1977, esquecida por todos, num sítio em

¹² VOGT, 1983, p. 212.

¹³ VOGT, 1983, p. 212.

¹⁴ VOGT, 1983, p. 212.

Parelheiros, única propriedade que lhe ficou de sua meteórica escalada no mundo das letras.¹⁵

Se por um lado, a autora surge através da mídia e é por ela esquecida, do outro, a crítica acadêmica que a rejeita inicialmente é a que será responsável pelo seu reaparecimento e permanência. Nos anos 1990, buscava-se um realinhamento do cânone, abrindo espaço para literaturas marginalizadas como forma de valorização do negro e da mulher, por exemplo. Carolina, representava muito bem esse sentimento, sendo pobre, negra e mulher. A crítica sobre a autoria feminina e a afrodescendente contribuem para uma nova projeção da obra da escritora.

Considerações finais

Nesse trabalho, buscou-se um reencontro com a crítica que Carlos Vogt fez de *Quarto de despejo* (2001), de Carolina Maria de Jesus realizada por ocasião da publicação de *Os pobres na Literatura brasileira* (1983) organizado por Roberto Schwarz.

Observa-se, então, que a crítica se preocupa com fatores que dizem respeito a condição de escrita e repercussão do diário. Vogt chega até a sugerir um realinhamento da obra às ciências sócias alegando que assim será mais fácil compreender a obra e sua importância. O livro assim é compreendido por seu valor social, no caso, uma mulher, negra, mãe, favelada que consegue fazer com que sua visão de mundo seja divulgada em proporções nunca antes vista na literatura brasileira.

Apesar do esquecimento em que cai depois de um recorde de vendas, a obra de Carolina de Jesus retorna nos anos de 1990, em um momento em que as minorias começam a ganhar espaço no cenário literário. O diário de Carolina é desde então, revisitado, não apenas por seu valor de denúncia social, mas começa-se também a perceber que muito mais do que uma favelada que escreve sobre sua rotina, Maria Carolina reivindica seu lugar como uma escritora que não foi completamente compreendida em seu período histórico e que ainda têm muito a nos dizer, não apenas pelo seu mais famoso trabalho, *Quarto de despejo* (2001), mas também por suas outras obras que ainda buscam seu lugar na literatura brasileira.

Referências

DALCASTAGNÈ, Regina. *Encruzilhadas da narrativa brasileira contemporânea*. In: GOMES, Carlos Magno. *Língua e Literatura: propostas de ensino*. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2001.

LAJOLO. Marisa. Poesia no quarto de despejo, ou um rama de rosas para Carolina. In: JESUS, Carolina Maria. *Antologia pessoal*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

¹⁵ LAJOLO. Marisa. Poesia no quarto de despejo, ou um rama de rosas para Carolina. In: JESUS, Carolina Maria. *Antologia pessoal*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 38.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.